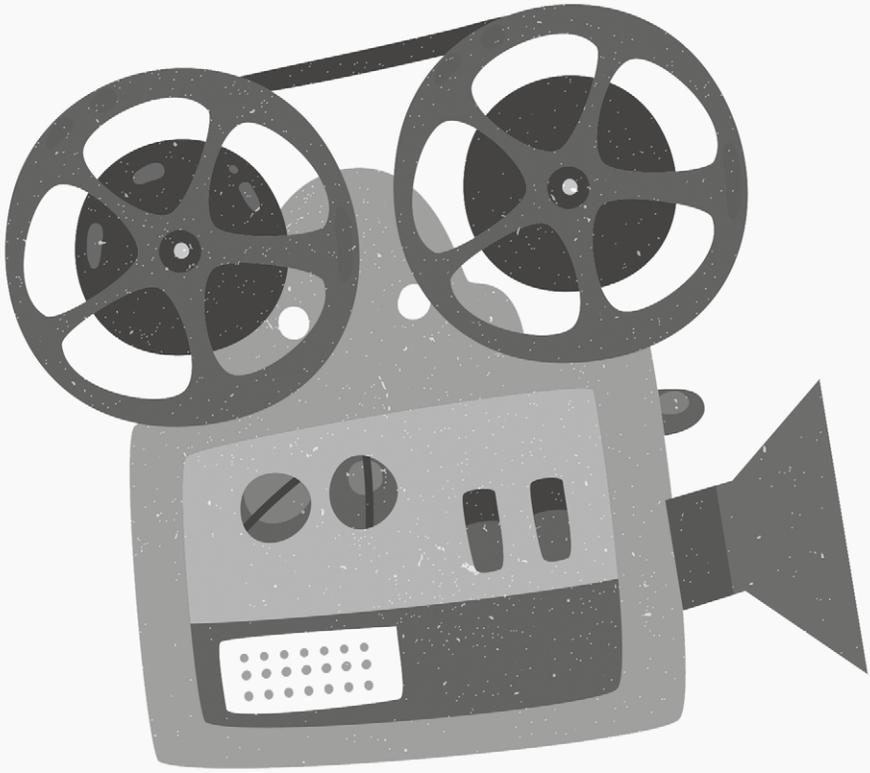


*** ROTEIRO ***
PERFEITO



VI CARVALHO

*** ROTEIRO ***
PERFEITO



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Vi Carvalho, 20

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Carvalho, Vi

Roteiro perfeito / Vi Carvalho – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-83-0

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

A Jerle Vale, uma mulher que necessitava saber o quanto amada e perdoada é. Bem como a todos que, como vasos, precisaram ser colados de novo. A vocês, rogo para que depressa possam sentir o mesmo que eu, quando finalmente, depois de muito procurar, encontrei a água da qual bebi e nunca mais senti sede.

AGRADECIMENTOS

Como em minha primeira obra publicada, agradeço a Jesus por todo talento que me concedeu e pelo privilégio de fazer parte na obra de Seu reino, bem como O louvo pelo conhecimento de Sua irresistível graça.

Porém, também preciso agradecer a Barhi Valentina, uma garotinha de nove anos que me fez sentir o abraço de Deus e me incentivou a voltar a escrever e persistir, até que esta obra estivesse pronta. Quero que saiba que amo você.

PRÓLOGO

TRÊS REGRAS PARA UMA PRINCESA NÃO CHORAR

São Francisco, fevereiro de 2003

Com as gotas de suor pelo rosto, Leon olhou para frente e viu a tia com sua companheira fiel em mãos, uma câmera analógica. Franziu a testa para forçar os olhos a enxergarem o caminho até a mulher, andou a passos largos em sua direção e puxou o seu vestido a fim de ser notado.

– Tô com sede!

O garoto encarou a tia com sofrimento e usou a mão esquerda para abanar o rosto. Sofia sorriu para ele.

– Você parece ter corrido uma grande maratona, campeão. – Afagou o cabelo do rapazinho e lhe ofereceu a mão. – Vamos procurar o pessoal. Você me trouxe para uma área do parque que nunca vim antes.

– Não se preocupa, tia Sosso. Eu te acho! Vem!

Leon puxou a tia pela grama verde.

Os dois caminharam, passando por alguns ciclistas e um parque de madeira, até chegarem a um grupo de pessoas conhecidas. A enorme toalha de piquenique vermelha estava aberta sobre a grama e várias almofadas coloridas, espalhadas ao redor.

No grupo de pessoas ao lado do seu, uma pequena garotinha estava sentada no colo do pai. Algumas lágrimas lhe escorriam dos olhos, que

estavam vermelhos, da cor de suas bochechas, enquanto o homem a ouvia narrar o que ocorrera, parecendo angustiado.

Leon e Sofia se aproximaram do grupo, sendo recebidos por uma mulher de pele negra e cabelos cacheados: Norah, a mãe de Leon. Ela se levantou no segundo em que avistou o filho, que não a viu de imediato, pois encarava, inquieto, a menina que chorava do outro lado do grupo.

— Vocês demoraram um pouco. Por onde andaram?

Norah entregou um copo de água para o filho, que aceitou, e o encarou com um sorriso doce, enfim capturando sua atenção.

— Levei a tia Soso pro outro lado do parque, o que tem o cordeirinho
— Leon disse entre um gole e outro de água.

Suas duas mãos abraçavam o copinho de plástico verde e ele ainda encarava a menininha chorona com cara de dó.

— Beba água, querida, você parece cansada.

Norah deu água à cunhada, que fechou os olhos e acenou com a cabeça em concordância. As duas mulheres riram, e Leon puxou a barra do vestido da tia, ainda encarando o choro da criança.

— Hum...? — murmurou Sofia, olhando para baixo.

Leon subiu o olhar e chamou a tia com sua mãozinha. A garota se agachou ao lado do sobrinho. Largou o copo de forma desajeitada na toalha e o encarou. Norah apenas os fitou com um semblante curioso.

— Lembra as três regras que o papai disse pra gente? — Leon sussurrou no ouvido da tia, mas pôde ser ouvido por Norah, que arregalou os olhos.

Só pode ser brincadeira! Ele não se lembraria do discurso de Otto, um ano antes.

Sofia assentiu e sorriu, cética. O garotinho decorara três frases adultas demais para que até ela entendesse e tampouco conseguia imaginar o motivo de ele dizê-las naquele momento.

— Lembro. — A tia tocou a ponta do nariz de Leon com o dedo indicador e sorriu sem mostrar os dentes. — Você lembra?

Arqueou uma sobrancelha e seus olhos verdes ficaram mais intensos.

— Claro. — Balançou a cabeça em afirmação. — Console os que choram, partilhe com os que não têm e honre os que te acolhem.

— E sabe o que isso significa?

Sofia o encarou, desconfiada.

— Que eu preciso fazer a amiguinha sorrir.

Leon levantou o indicador na direção da garotinha, que ainda chorava no colo do pai, e as duas mulheres ficaram boquiabertas, estupefatas, enquanto encaravam a menina.

— E — a tia procurava palavras, mas não encontrava muitas — como você vai fazer isso?

— Hum... — Leon passou os olhos ao redor, encarou a mãe, que o questionou ao levantar as mãos em um gesto de dúvida. — Que tal rosas? Papai disse que mulheres gostam de rosas.

Norah e Sofia gargalharam, e a mais nova se levantou, oferecendo a mão para o pequeno. Caminharam até uma roseira lilás e o único som que bradou no breve caminho foi o som da risada da tia, que ainda não acreditava no que acabara de acontecer.

— Aqui está. — A jovem apontou para as rosas. — Vamos colher para ela. — A mão de Leon se esticou para tocar na rosa, mas a tia o interrompeu. — Cuidado, elas têm espinhos. Deixe que eu pego para você.

Sofia soltou a mão do sobrinho, que assentiu, encarando-a, curioso para saber como ela efetuaria o serviço. A moça abriu o zíper da bolsa e retirou de lá um estilete afiado; não se lembrava de tê-lo colocado ali, porém agradeceu ao seu eu do passado por isso. Com a ajuda do objeto afiado, retirou os espinhos do caule de uma rosa e a cortou, entregando-a para o sobrinho. Repetiu o gesto mais duas vezes, e então guardou o estilete, satisfeita.

— Agora faltam só os doces! — Leon disse, encarando as rosas nas mãos e as cheirando em seguida.

Sofia gargalhou.

— As rosas já não são o bastante?

— Papai sempre entrega doces junto.

Leon negou com a cabeça e saiu andando em disparada rumo à mãe.

— Espere, Leon! — a tia gritou, e os pés do garotinho pararam imediatamente, quase o fazendo derrapar.

Ele olhou para a moça, impaciente.

— Vamos logo, tia Soso! Você tá devagar hoje!

Puxou a mulher pela mão, arrastando-a de volta para o grupo.

— Vocês conseguiram mesmo as rosas?

Norah olhou com surpresa para as mãos do filho, que assentiu com um sorriso de orelha a orelha. Sofia, ofegante e vermelha, sentou-se na grama.

— Você tem docinhos na bolsa? — Leon perguntou para a mãe, que arqueou uma sobrancelha, desconfiada.

— Você também vai dar docinhos?

Sorriu de lado.

— Papai sempre entrega docinhos pra você.

— Justo.

Assentiu com a cabeça, esboçando um sorriso.

A mulher caminhou até a bolsa e retirou de lá três bombons trufados. Andou em direção ao filho, satisfeita; Leon era uma criança especial, não havia como negar. O garoto de apenas seis anos já possuía princípios, e ela era grata a Deus por ter escolhido um bom pai para ensiná-lo.

Deu mais alguns passos e estendeu os doces em sua direção. Ele assentiu e acomodou, de forma desengonçada, os doces e as flores em suas mãos pequenas. Norah repousou uma mão no ombro do marido, alertando-o para que ele se pusesse a encarar o filho.

Otto, que fitava o sobrinho de apenas dois anos adormecido, passou a olhar na direção do filho com a sobrancelha arqueada e sua feição se suavizou à medida que Leon se colocou a fazer o caminho em direção à garotinha. Otto sorriu largo e passou as mãos pelos cabelos loiros.

A menina estava aninhada no colo do pai, usando um vestido de princesa lilás e brilhante. Nos pés, calçava uma sapatilha prateada, combinando com a cor da coroa reluzente em seus cabelos.

Sofia ficou a postos com a câmera analógica em mãos, pronta para registrar o momento. Norah e Otto observavam atentos enquanto os demais componentes do grupo conversava entre si, alheios à situação.

Leon caminhou até o seu destino sem saber bem o quealaria para a princesa chorona. Olhou para trás buscando coragem e encarou os três membros mais velhos na família sorrindo de forma encorajadora para ele. Então o pequeno respirou fundo e chegou próximo à garotinha.

Pigarreou, e o pai dela lançou um sorriso para ele e a encorajou a sair de seus braços. Barhi levou os olhos em direção a Leon e o encarou por alguns segundos. Fungou, passando as mãozinhas pelo nariz, pôs-se de pé e organizou o vestido bagunçado e a coroa no cabelo antes de entrelaçar as mãozinhas na frente do corpo e encarar Leon com um semblante triste.

— Eu trouxe pra você.

O garotinho sorriu amarelo e estendeu as mãos na direção da princesa, que arregalou os olhos e abriu um sorriso genuíno. Não conseguia acreditar que estava recebendo rosas. Jaime, sua mãe, já recebera várias, no entanto lhe contara que isso era coisa de gente grande. A garota supôs que finalmente crescera. Seus quatro anos eram o suficiente.

— Pra mim? — Apontou para si. — Mas a mamãe disse que não sou grande pra receber rosas.

A princesinha recuou mordendo o lábio inferior.

— Você tava triste, então eu quis te fazer feliz. Pode pegar, é um presente.

— Eu...

Barhi queria chorar só de lembrar o motivo de sua tristeza.

— Você ainda quer chorar? — Leon se aproximou e a fez pegar as rosas e os bombons. Barhi fixou o olhar murcho no conteúdo em suas mãos e abriu um pequeno sorriso. — Qual o seu nome?

A perguntar não poderia ter vindo em pior momento — acabara de receber uma enxurrada de comentários maldosos sobre seu nome. E, também, qual de suas amigas se chamava Barhi? A garotinha só conseguia pensar que sua mãe queria lhe fazer mal ao batizá-la com um nome tão diferente.

As suas colegas de classe zombavam dela. A origem vinha de seu pai, Briah: era um anagrama; ao mudar as letras de lugar, formava-se Barhi. Tinha certeza de que o garoto das flores também zombaria dela. A garota murchou outra vez e permaneceu em silêncio.

— Ei — Leon chamou a atenção da garota, que ergueu a cabeça. — Eu perguntei o seu nome.

Então aquele era o fim de uma amizade que nem sequer começara. Barhi respirou fundo e encarou o garoto.

— Barhi. Barhi Valentina — disse no tom mais baixo que conseguiu proferir e fechou os olhos, esperando as risadas.

O que veio em seguida a fez vibrar de alegria.

— Que nome lindo! Barhi Valentina... É nome de princesa.

A menina arregalou os olhos e abriu o maior sorriso que conseguiu.

— Você acha mesmo?

— Claro que sim! Você é uma princesa, né? Tá até de coroa!

Apontou para a cabeça da garotinha, que levou a mão até a coroa, deixando alguns bombons caírem. Um sorriso largo brotou no rosto dela ao constatar a coroa em sua cabeça, agora lhe dando a devida importância.

Barhi olhou para o garoto à sua frente e se lançou em seus braços sem se importar com as rosas, que caíam no chão. Ela queria ser sua amiga, queria brincar com ele todos os dias. Finalmente alguém entendeu o verdadeiro significado de seu nome. Barhi Valentina, nome de princesa. Não esquisito, não estranho, não feio, mas de princesa. E agora ela tinha um amigo que entendia isso.

Leon e Barhi passaram o restante da tarde brincando juntos no parque sob a supervisão de Sofia, que em dado momento buscou o filho para se

juntar à dupla. Nathan era tão pequeno, que apenas se sentou na areia e se pôs a brincar sozinho. A mulher sentou atrás do bebê e declarava comandos para que os dois maiores não se machucassem.

— Não, não, Nathan! Sem colocar o brinquedinho na boca — a mãe advertiu com delicadeza. — Está sujo.

O bebê a encarou sem entender bem o que fora dito e ela sorriu.

A moça olhou ao redor; aquela praça guardava boas lembranças da sua infância junto ao irmão, que, apesar de mais velho, adorava lhe fazer companhia. Eles não moravam em São Francisco, embora visitassem o lugar com frequência, como era o caso daquela tarde — Leon e a família retornariam para Carmel no dia seguinte.

Sofia acenou para Norah e Otto, que estavam radiantes, nunca viram o filho brincar com alguém com tanta identificação. A única criança com quem Leon interagira era o primo, ainda muito pequeno. Jaime e Briah também mantinham os olhos nas duas crianças, agradecendo aos céus pela vida do pequeno Leon.

A pequenina não tinha amigos e sofrera muito com os comentários não apenas sobre seu nome, como também pelo cabelo ondulado e volumoso, e até as sardas, que decoravam suas bochechas. O casal estava comovido com a chegada de Leon na vida de Barhi e, mesmo que fosse passageiro, sabiam que aquele momento não seria esquecido pela garotinha, e não foi pelas semanas, meses e anos seguintes.

MEMÓRIAS DE LEON STROVE

Carmel, março de 2005

Norah e Otto preparavam o jantar na cozinha enquanto Nathan dormia tranquilo no quarto, e Leon e Sofia se encontravam estirados no tapete da sala, cada um lendo um livro diferente. O primeiro, mais um livro de fantasia; a segunda, um romance escrito pelo irmão. Não importava quantos livros a biblioteca da família tivesse, Sofia sempre escolhia os livros escritos por Otto.

Os cinco compunham uma família diferente das demais. Sofia era como uma filha mais velha para o casal desde que o pai morrera de tuberculose e a mãe fora assolada por uma depressão, que acabou a levando para junto do marido. Tudo acontecera quando a jovem tinha onze anos. Um ano depois, Leon chegou à família, seguido por Nathan, que nascera quatro anos após, fruto de um romance adolescente vivido por Sofia.

— Soso.

Leon fechou o livro, estupefato, e se levantou de súbito a fim de encarar a tia.

— Hum...? — murmurou, ainda com os olhos vidrados nas páginas escritas por Otto.

— Essa história já existe!

— É claro que existe, Leo, você está lendo.

A tia o encarou, deixando os ombros caírem e a face reverberar sua insatisfação pela leitura interrompida.

— Não é isso, Soso. Ela tá no livro de couro do papai! Escuta isso!

O menino voltou a tomar o livro entre as mãos e folheou até parar no início do capítulo que acabara de ler. Sofia bufou forte e se levantou, deixando o livro em cima do sofá. A garota engatinhou até o sobrinho, tomando o livro de suas mãos e recebendo um murmúrio de reprovação.

— Eu ia ler pra você!

Leon fez um bico grande e cruzou os braços.

A tia nada disse, apenas mergulhou nas páginas à sua frente e, entre caras e bocas, finalizou em cinco minutos a leitura do capítulo. Ao fechar o livro, observou o sobrinho encará-la com um meio-sorriso e a sobrancelha arqueada. Ele tinha razão, porém ela não fazia ideia de como explicaria aquilo para ele. Então apenas deu de ombros e devolveu o livro.

— Por que você não fala com Otto sobre isso? — sugeriu, voltando ao lugar que ocupava minutos antes e retomando a leitura.

Leon se levantou rápido, colocou o livro embaixo do braço e saiu em disparada para a cozinha. Ao avistar o filho, Otto abriu um largo sorriso enquanto enxugava as mãos com um pano de prato. Voltou a mexer a panela no fogo e esperou o filho iniciar a conversa. O garotinho passou os olhos pela cozinha, procurando a mãe, mas não a encontrou, por isso se acomodou no banco de madeira frente ao balcão e começou seu interrogatório.

— Pai.

O homem se virou em sua direção, debruçando-se no balcão em seguida.

— C. S. Lewis? Você não acha que é muito complexo para sua idade? — Otto tomou o livro da mão do filho e passou os olhos pela capa. — *As crônicas de Nárnia*. O que achou?

— Ele copiou! — acusou. — A tia Soso disse uma vez que copiar o trabalho do outro é feio. Ele contou a mesma história do seu livro de couro.

Otto inclinou a cabeça para o lado e piscou os olhos mais do que o normal. Estava maravilhado.

— Não é bem assim, Leo...

Antes mesmo que Otto pudesse começar a explicar, o filho se adiantou em pegar com gentileza o livro de suas mãos e abriu-lo no capítulo que Sofia lera minutos antes.

— O leão foi morto pela feiticeira pra que o Ed fosse salvo, mas o Ed que fez besteira, e não o leãozinho. Essa não é a história do papai do céu?

Leon encarava o pai com o livro aberto em mãos e o semblante sereno.

— Tudo bem. — Otto deu a volta no balcão com um sorriso genuíno no rosto, puxou um banquinho e se sentou ao lado do filho. — Lembra que

Jesus contou várias histórias para as pessoas, para que elas conhecessem ao Papai do Céu? — Leon assentiu com a cabeça, e Otto buscou as palavras para prosseguir. — Esse autor fez o mesmo. Ele não plagiou, ele está contando a história de Jesus para quem não conhece!

— E o que é *plagiar*?

Otto gargalhou alto e afagou o cabelo do filho, que o encarava com uma seriedade assustadora para uma criança de oito anos.

— É o mesmo que copiar. Agora o papai quer falar algo para você guardar no coração.

— Igual as três regras?

Otto assentiu, e Leon apurou os ouvidos para o que o pai diria em seguida.

— Desde pequeno seu avô me ensinou a viver em verdade.

— Porque mentir é feio! — Leon se adiantou, e Otto sorriu em aprovação.

— Muito bem. E hoje o papai quer que você entenda que você precisa saber o motivo de estar aqui, Leo. — Leon uniu as sobrancelhas, e Otto mudou a tática de explicação. — Você acha que o papai é bom no que faz?

— O melhor!

O garotinho sorriu, estendendo o polegar para cima em direção ao pai.

Não era só ele que acreditava que Otto era o melhor, toda a mídia concordava ao que cartas e mais cartas chegavam até a casa da família com testemunhos de pessoas que foram do inferno ao céu com os livros que eram escritos através dele. Otto nunca pegou esse mérito para si.

— Pessoas competentes trabalham para grandes reis, Leon, não para gente de baixa patente. — Otto apertou as mãozinhas do filho com carinho e depositou um beijo em cada uma delas. — Você, meu bebê, não vai trabalhar para tornar as pessoas piores, e sim para apresentar para elas um caminho em que serão salvas, vivendo o hoje e pensando que amanhã terão para onde ir. — Leon inclinou a cabeça e fixou os olhos no chão. O pai soube que o filho não o entendera, mas de forma alguma estava disposto a recuar. — Três novos princípios para você — anunciou, indicando o número três com os dedos da mão, e Leon levantou a cabeça com um sorriso animado. — Sei que você escreve como o papai, gostaria de fazer mais isso?

— Eu quero ser como você, papai!

Leon ergueu o indicador e apontou para o pai.

— Você será melhor, meu pequeno. — Otto levantou o indicador. — Primeiro: o papai não escreve sobre coisas erradas. Lembra que no livro de couro aprendemos que algumas coisas atraem coisas más para nossas vidas? — Leon afirmou com a cabeça. — Nunca escreva como se as coisas más fossem boas, certo?

— Tudo bem, papai.

— Ótimo. Segundo... — Otto fez um dois com os dedos. — Você não vai se tornar um bom escritor sozinho, precisará da ajuda de outras pessoas para isso. Tenha bons amigos. — O homem ergueu o terceiro dedo. — Sempre se lembre do livro de couro do papai. Esse livro que você está lendo fala sobre a história de Jesus, não é? — Otto levou o livro à altura no rosto, e Leon afirmou com a cabeça. — Sempre escreva sobre Ele.

— Não vou esquecer. Prometo! Também não vou *plagiar* — Leon disse, estendendo o dedo mindinho, e o pai sorriu, deixando o livro na bancada.

— Antes de me prometer, tem mais uma coisa, que você não vai entender agora. — O homem se aproximou mais do filho e o encarou nos olhos. Leon mantinha a atenção no pai. — Se recuse a servir ao mundo. Promessa de dedinho?

Juntaram os mindinhos e selaram a promessa. Otto abraçou forte o filho e os olhos se encheram de água por um momento. Norah, que estava ao pé da porta que dividia o terraço da cozinha, enxugou o canto dos olhos com um grande sorriso no rosto.

Após o jantar, cada membro da família se recolheu para seu quarto, exceto Leon, que pedira ao pai para o colocar para dormir. Otto atendeu o pedido do filho sem hesitação e, quarenta minutos depois, entrou no próprio quarto e se deitou ao lado da esposa.

A noite caía tranquila, até que um forte estrondo reverberou pelo escuro, seguido pelos gritos de Norah. Sofia se levantou de supetão, indo em direção a Nathan. O menino dormia tranquilo em sua cama. A moça pôs a mão no coração, que batia acelerado, até que o choro da cunhada invadiu seu ouvido, fazendo-a arregalar os olhos e sair do quarto em disparada.

No quarto ao lado, Leon abriu os olhos com dificuldade e demorou um tempo para identificar os gritos da mãe, e saiu correndo até o quarto da mulher. Sofia já estava no corredor, com o semblante apavorado. Ela interceptou Leon, pegando em sua mão e seguindo aflita até o quarto do irmão.

Antes mesmo que os dois adentrassem o quarto, a porta entreaberta se escancarou, e Norah, descontrolada e suja de sangue, saiu do quarto. Sofia a encarou, horrorizada, e Leon arregalou os olhos com horror, abraçou a tia e afundou o rosto no moletom dela, que se virou para encarar a cunhada.

Norah se jogou aos pés de Sofia e pranteou alto. Uma onda de terror tomou conta da mulher, e seus olhos começaram a lagrimejar; estava pálida e gelada. Com Norah ainda chorando aos seus pés, ela recuou com delicadeza da cunhada e do sobrinho, que foi para junto da mãe e a abraçou.

Sofia seguiu em direção ao quarto e caiu no chão ao ver o irmão caído. Levou a mão até a boca, trêmula, e sentiu o coração se estilhaçar. Leon tentou se soltar da mãe, que o segurou firme, implorando para ele não sair de seu colo. O menino encarou a mãe aos prantos, e ela o abraçou mais forte.

Leon descansou a cabeça no ombro da mãe e apertou os olhos, fitando o escuro do quarto apenas para ver sua tia chacoalhar o pai. A cena se repetiria em sua mente por meses.

Mais tarde, a polícia verificava a casa toda, enquanto Norah se mantinha inócua no sofá da sala, com Leon dormindo em seu colo, vencido pelo cansaço. Sofia, que recebera os policiais, desceu as escadas devagar e caminhou até a cunhada, erguendo com dificuldade Leon nos braços.

— Tudo bem, Leo — acalentou o sobrinho, que ameaçou chorar de novo. — Nós vamos descansar.

Acariciou os cabelos dele e o sentiu amolecer.

Subiu as escadas e fechou os olhos com força ao passar pela porta do quarto do irmão. Deitou Leon em sua cama, desceu até Norah e abraçou a mulher. A mais velha fechou os olhos com força, sentindo um vazio grande dentro de si, como uma faca entrando em seu peito e tornando seu ar rarefeito.

— Nós estávamos dormindo quando um homem pulou a janela. — Norah abriu os olhos e fitou profundamente a tv desligada, abraçando a

cunhada com força. — Otto percebeu primeiro e tentou interceptá-lo na saída do quarto, mas ele tinha uma arma.

Sofia passou a tremer. As lágrimas desciam agora como uma forte tempestade. Norah se afastou da cunhada, encarando-a com os olhos vermelhos e inchados.

— Ele disparou e pulou a janela.

Fechou os olhos com força.

Sofia levou a mão à boca e deixou o choro tomar conta de si. Caiu do sofá, tremendo, e se prostrou com o rosto no chão. Norah permanecia paralisada com as lágrimas quentes descendo por todo o rosto.

Os soluços de Sofia ficaram mais altos, e Norah se colocou no chão, erguendo a cabeça da mais nova. Ambas se encararam por um tempo, como se estivessem em frente a um espelho. A mais velha segurou o rosto da cunhada entre as mãos e espremeu os lábios em busca de um controle que já não existia mais.

— Ele se foi, Sofia!

A mais nova negou com a cabeça, e Norah assentiu.

— Entendemos o momento que estão passando, mas precisamos conversar com vocês.

Uma moça fardada se abaixou ao lado das duas mulheres, encarando-as com dor nos olhos. As duas assentiram, sem conseguir controlar as lágrimas, e se levantaram com a ajuda da policial.

Horas se passaram, e o sol demorou a chegar. Para as duas mulheres, ter de lidar com as crianças no dia seguinte foi assustador; mais aterrorizante foi ter que cumprimentar todos que participaram do velório, cada amigo íntimo e representante da mídia, porém nada poderia ser pior do que os paparazzi do lado de fora da casa.

Além disso, a polícia, não possuía respostas. Foi uma tentativa de assalto que acabou tirando a vida de um homem de Deus, acontecia todos os dias, foi o que disseram. A realidade se tornou um martírio. Elas sentiram na pele o peso da frase escrita, anos antes, pelo roteirista e escritor.

A vida não é ruim para aqueles que se vão, mas para os que ficam.

01

O ÁLBUM DE FOTOS

Nesta manhã, os fãs da roteirista Sofia Strove ganharam um baita presente ao receberem um post que nos dá esperança de uma nova roteirização. Na foto postada por Sofia, há um garotinho abastecido de doces e flores e uma princesinha surpresa por receber o presente. Na legenda: “Direto do meu álbum de fotos para as teclas do computador. Vem coisa boa por aí!”

A roteirista não somente nos animou com a suposição de um novo romance, como também despertou a curiosidade dos internautas, que estão movimentando as redes sociais para identificar quem são as crianças da foto e o que elas estão fazendo hoje. Será que encontraremos nossos protagonistas do próximo romance de Sofia, na vida real?

Sobre a foto não sabemos, mas depois de anos sem nenhuma roteirização, estamos ansiosos pelo retorno da nossa musa. Sofia entregou o cargo ao sobrinho, Leon Strove, nosso cristalzinho de Hollywood, em janeiro de 2021, e desde então nenhum trabalho seu foi realizado. Queremos esse roteiro para agora, porque estamos com saudades de você, Sofia!

Bom dia Hollywood, abril de 2023.

Leon passeou o indicador pela tela do celular com delicadeza, sem deixar fugir um comentário sequer do seu campo de visão. Havia uma hora que a tia postara uma foto sua, aos seis anos, acompanhado de uma garotinha um pouco menor, vestida de princesa, e, desde então, os internautas não paravam de compartilhar a publicação, a fim de chegar até a moça misteriosa.

Boa parte dos comentários ligavam Leon à garotinha, cujo nome ele nunca esquecera, Barhi, de forma positiva. Alguns até especulavam que Sofia havia postado a foto, pois os dois se reencontraram e já estavam vivendo seu próprio romance longe das câmeras. Até parece que ele conseguiria realizar esse grande feito.

— Isso não faz o menor sentido. Como eu poderia esconder dos tabloides um relacionamento?

Leon se levantou da poltrona e seguiu em direção ao assistente, que teclava freneticamente no celular.

— Um minuto. — Ches ergueu o dedo indicador. — Estou quase lá.

— Não sei o que está fazendo, mas espero que termine em quinze minutos, preciso que você me ajude a publicar uma nota de esclarecimento sobre a foto, está tomando grandes proporções, e eu... — Ches pulou da poltrona e olhou para o chefe com um largo sorriso. Leon, que sabia bem o que aquilo significava, encaixou a ponte do nariz entre o polegar e o indicador e fechou os olhos com força. — E lá vamos nós. — Suspirou

— Eu achei! — O assessor levantou o celular e o estendeu para o chefe. — Achei a sua moça misteriosa e você não vai acreditar.

Sorriu largo.

Leon abriu os olhos e sentiu algo queimar por dentro, uma leve pontada em seu coração que o fez colocar a mão no peito e depois levá-la à boca. Não havia visto a garotinha mais que uma vez, mas a guardara em seu coração até seus dez anos, quando enfim aceitou que não a veria de novo, e agora o celular brilhava em sua direção, ilustrando o rosto da sua escritora de romance favorita, a mulher que acabara de contatar para roteirizar os romances que tanto amava.

— O nome dela é Barhi. Sinto muito, mas você não a encontrou.

Leon parecia ter despertado de um transe, deu as costas para o assessor e caminhou até o cabide que segurava seu paletó, a fim de recolocá-lo no corpo.

— Aí é que está o mistério, meu caro amigo! — Ches caminhou, maroto, em direção a Leon, que ainda estava de costas para ele, arrumando a barra do terno. — Barhi Valentina Partridge ou apenas Tina Partridge, você que escolhe.

Leon congelou por um instante e sua mente sussurrou, com uma voz meiga, o nome da garotinha uma vez mais: Barhi... Barhi Valentina. Esse era o nome da princesa de sua infância. Ele adoraria vê-la de novo, perguntar como ia a vida, se ela já tinha filhos e se eles também ostentavam nomes tão criativos quanto o dela, como ele queria. No entanto, nunca imaginou que sempre soube quem ela era. O tempo todo a sua princesa amiga de infância era Tina Partridge, a romancista que ele mais admirava. Porém, ele certamente não daria o braço a torcer.

— Acredito ser melhor para o nosso trabalho que ela não saiba dessa informação.

Virou-se de supetão, ficando de frente para o assessor, que o encarava, estupefato.

— Primeiro: ela já sabe. Ou você acha que ela não lembra de um momento como esse? — Ches proclamou em tom óbvio.

— Acredito mesmo que não lembra. Ela tinha o quê? Três anos?

— Quatro. E ela não só lembra, como também comentou um coração lilás na foto. Veja!

Chester apontou a tela do celular para o comentário de Tina, que Sofia fixara minutos antes, e Leon sentiu a perna falhar. Por que raios estaria reagindo assim? Talvez porque sempre nutrira uma admiração pela jovem e agora descobrira uma ligação entranha entre eles.

— E o que você quer que eu faça? Encaminhe uma nota de esclarecimento junto à dela?

— Você não entendeu, então vou desenhar. Acha que fiquei esse tempo todo procurando por ela por uma nota de esclarecimento? Faça-me o favor, Leon! — Ches revirou os olhos e encarou o chefe. — Unir a sua imagem à de Tina neste momento será excelente. Pense: vocês dois acabaram de fechar um contrato; se aparecerem como amigos de infância na mídia, vão atrair olhares.

— Não vou enganar a mídia apenas para atrair público. Isso é loucura!

— Você não vai enganar ninguém! Isso aqui não é um filme secular, Leon, não estou pedindo que finja um namoro com ela. Aqui é vida real, e na vida real existe algo que você conhece muito bem, e se chama *colab*. — Chester colocou o celular no bolso e contornou a mesa para ficar frente a frente com o chefe. — Vocês serão amigos!

— Não somos amigos, Ches! O que você está me pedindo é para aceitar uma amizade por conveniência. Isso não me parece certo.

— Por Deus, Leon Strove! — Suspirou pesado, colocando as mãos na cintura. — Estou pedindo para conhecer a moça. É claro que se vocês não chegarem a desenvolver uma amizade nós podemos parar. Mas essa aqui é uma oportunidade para que os trabalhos de ambos alcancem mais pessoas.

Chester posicionou as mãos no ombro do chefe, e Leon os relaxou.

— Me explique melhor o que você tem em mente.

Desvinculou-se do assessor, puxou a cadeira para se sentar e apontou para que o outro homem ocupasse a poltrona em sua frente.

— Essa é a melhor ideia que já tive em anos de profissão! — Chester esbanjou animação enquanto contornava a mesa. Tamanha era a empolgação que nem se deu ao trabalho de sentar. Apoiou as mãos espalmadas no vidro e iniciou: — Você e Tina podem sair juntos! — Leon abriu a boca em protesto. Chester levantou o dedo indicador em contraposição. — Primeiro eu falo. — Apontou para o próprio rosto. — Depois você fala. — E apontou para o chefe, que murchou os ombros e revirou os olhos amendoados. — Não são encontros, a princípio, mas se vocês dois acharem por bem deixar a amizade ficar intencional, esse não é o meu ponto de interesse, fiquem à vontade. — Ergueu as mãos em rendição e Leon riu seco. — O que estou propondo são momentos em que os dois possam aparecer para o público.

— Isso me parece uma amizade por interesse. Eu nem mesmo a conheço!

O assessor respirou fundo e caiu na cadeira, baixando a cabeça em negação.

— Deus me ajude — Ches suplicou, erguendo a cabeça e encarando o teto. — Leon, esses momentos serão intencionais, sim. Mas para a roteirização dos

livros dela, apenas estou pedindo que tire uma foto, faça um vídeo e libere para a mídia, apenas isso. Vocês já iam fazer isso antes, agora só peço que grave.

— Eu não vou trabalhar nos roteiros da Tina, Chester. Não trabalho mais com roteirização, desde que assumi a Pansy, você sabe disso.

— Eu e Deus sabemos como você sente falta de roteirizar e bem sabemos que você escreve por detrás do que vemos aqui — Ches disse com um sorriso amável; ele sentia como se Leon fosse seu garoto prodígio. — Pegue esse trabalho com ela, Leon, eu sei o quanto isso vai ser bom para você.

— Não tenho tempo livre, Ches. Você mesmo me deu um ultimato para pausar as roteirizações, porque estava me sobrecarregando.

— Eu posso organizar a sua agenda!

— Não sei. Fora que isso pode despertar na mídia a ideia de que somos um casal, isso não vai ser bom.

— Isso vai acontecer com qualquer pessoa do sexo oposto que se aproxime de você ou dela, é natural. Você nunca teve problemas em lidar com isso.

— Mas dessa vez será intencional.

— Estou pedindo que avalie a possibilidade, certo? — Ches pediu unindo as mãos, e Leon mordeu o lábio inferior, bufando em seguida.

— Certo. Vou pensar sobre isso. E você não acha que vamos parecer malucos? Imagine só! — Leon se levantou da cadeira e pigarreou: — Oi, Tina, é que eu e meu assessor acreditamos que podemos trabalhar juntos nos seus roteiros e tirar fotos e vídeos de nós dois juntos, para que as pessoas acreditem que temos uma amizade e talvez um compromisso a mais! — Leon interpretou cruzando os braços em seguida e Chester gargalhou.

— Leon! O que as pessoas vão pensar não cabe a você ou a Tina escolher. Não estamos fazendo isso para enganar ninguém, jamais pediria isso. Você e Tina vão trabalhar juntos e mostrar para os fãs o que estão fazendo, não porque querem que pensem em vocês como um casal, e sim como dois profissionais que estão desenvolvendo algo realmente muito bom.

Leon descansou as mãos nos bolsos e fechou os olhos em rendição. Chester tinha razão.

— Sim. Acredito mesmo que a maioria do público vai romantizar, mas há também uma parcela que vai enxergar dois profissionais espetaculares, que vão produzir um grande roteiro. Não podemos controlar o que vai acontecer, só podemos fazer a nossa parte.

— Você tem razão, eu pensei de forma rasa.

— Eu entendo. A maioria dos comentários foi criando uma história de amor para o elenco atual da foto. — O homem se ajeitou na cadeira e sorriu sem mostrar os dentes. — Mas vocês é que vão decidir o fim dessa história, Leon, não as pessoas! Nós vamos usar os holofotes que essa foto trouxe para vocês e vamos direcioná-los para a pessoa certa. É isso que fazemos.

— É isso que fazemos — Leon repetiu, indo em direção ao assessor. — Obrigado.

Os dois esboçaram sorrisos singelos. Depois Chester se levantou e deu um abraço apertado em seu garoto, que logo gargalhou e o empurrou. Leon nunca gostara de demonstrações de afeto.

— Agora que já finalizamos, eu preciso trabalhar e você também — Leon anunciou, pegando alguns papéis e o iPad, que estavam sobre a mesa, e caminhou em direção à porta.

— Vou organizar a sua agenda e colocar as reuniões com a equipe de roteiristas no seu cronograma — o mais velho avisou, olhando o chefe de rabo de olho, e Leon sorriu de lado.

— Eu não disse que aceitaria.

Encarou o assessor com a sobrelha erguida.

— Você sabe que essa é uma oportunidade muito mais importante do que o seu medo de trabalhar com Tina.

Chester mantinha os olhos no telefone e Leon abriu a boca, estupefato.

— Não tenho medo de trabalhar com ela, apenas não acho que seja uma boa ideia criar laços de amizade no ambiente de trabalho.

Segurou os objetos com uma só mão e colocou a outra na cintura.

— Vou marcar uma data para podermos conversar com Tina! — Ches anunciou, e o chefe apenas assentiu, dando-se por vencido.

Voltou a caminhar e atravessou a porta, fechando-a.

Desde que Leon assumira a Pansy, muito novo, ainda que com uma maturidade acima da média, Chester o acompanhava de perto. Vira o rapaz errar e crescer, voar e retornar para o ninho, mas nunca o vira amar. Sabia que aquela era uma oportunidade de fazê-lo crescer ainda mais profissionalmente e que voltar a roteirizar traria um refrigério para o chefe, como também havia uma esperança de que seu garoto prodígio encontrasse o amor. Algo dentro de si dizia que ele o encontraria.

No exato momento em que Chester conheceu Tina, soube que ela era a mulher com quem Leon deveria se casar. Os dois possuíam personalidades parecidas, porém, de alguma forma, não se encaixavam por completo em suas ideias. A escritora parecia precisar de cuidado, ao passo que Leon era especialista em fazer isso. O roteirista necessitava desesperadamente de descanso, e a alma audaz de Tina o faria experimentar o que o tempo havia tirado.

Chester soltou um sorriso torto enquanto encarava a foto publicada por Sofia horas antes, e seus olhos brilharam, por um instante, devaneando se de fato acertara na escolha que acabara de fazer. Estava certo de algo, independentemente do desfecho da história: o objetivo seria alcançado, mais pessoas conheceriam o trabalho de ambos.

MEMÓRIAS DE BARHI VALENTINA

São Francisco, 2017

Barhi abriu a porta do quarto e acendeu o abajur alocado ao lado da cama, jogou a bolsa em uma cadeira e espalmou as mãos na lombar, a fim de aliviar sua dor. Suas costas doíam, assim como as pernas e os pés, que latejavam de cansaço. A garota olhou para o relógio no pulso, já se passavam de 3h da manhã e ela não vira o carro do pai estacionado na garagem. Ele já deveria ter chegado.

— Deus, me tire essa dor — murmurou caminhando em direção ao banheiro.

Assim que adentrou o cômodo, retirou as roupas do corpo, indo em direção ao chuveiro. Desde que começara a trabalhar na lanchonete, essa era sua rotina. Escrevia pela manhã, estudava pela tarde e à noite carregava bandejas de um lado para o outro. Aquele era um dia no qual não pudera acompanhar o pai em uma viagem, porque preferira escrever. *Sacrifícios precisam ser feitos*, pensou.

A água quente começou a cair nas costas de Barhi e ela suspirou de alívio ao ter seu corpo anestesiado pelas gotas que escorriam pela pele. Fechou os olhos e esboçou um sorriso singelo — que alegria em saber que amanhã era domingo. Nada de aulas e, principalmente, nada de trabalho para o pai; poderia aproveitar sua presença, como não pudera naquela tarde.

Desde pequena, sempre acompanhava o pai em suas viagens de trabalho para mantê-lo acordado. Era muito comum médicos cansados dormirem ao volante, por isso ela tagarelava a viagem inteira. O pai, mesmo exaurido, nunca se mostrara ranzinza com as brincadeiras e comentários da menina. Sorriu com a lembrança.

Briah também estava engajado em ajudá-la com a publicação de seu livro, o que fez suas viagens aumentarem. Ele era médico e sua maior fonte

de renda vinha dos atendimentos feitos em um asilo, em Sacramento, e os pacientes do pai amavam a companhia da menina. Assim que sua mão alcançou o sabonete líquido, seu telefone tocou na bolsa. Quem ligaria a essa hora da madrugada?

– Não consigo acreditar – murmurou pegando a toalha.

Seguiu em direção à cadeira em que colocara a bolsa. Abriu e enfiou a mão, guiando-se pelo vibrar do smartphone, que segundos depois já estava posicionado em sua orelha.

– Alô? – Atendeu sem ver de quem se tratava e teve um choque ao ouvir as palavras que saíram da boca da avó.

– Você precisa trazer ele de volta! – A mulher, já de idade avançada, estava com a voz embargada.

– Vó? Onde a senhora está?

O coração da garota batia na garganta.

– Ele morreu, Valentina! – Alguns segundos de silêncio. – Você tem que vir para o hospital. Eu disse para você ir com ele. Por que não foi com ele? – Os soluços da avó anunciavam a intensificação do choro. – Ele bateu o carro! Por que você não foi com ele? Ele não podia viajar sozinho à noite, você sabia disso! – a idosa gritou do outro lado da linha, e o coração de Barhi parou.

Ela não conseguia mais ouvir as palavras da avó, um zumbido agudo a fez gemer. O celular escorregou de sua mão, e as pernas não foram mais capazes de mantê-la de pé. Ali estava ela, enrolada em uma toalha branca, encolhida no chão, tremendo tanto que mal podia respirar.

O motivo era ela. O motivo do acidente que ceifara a vida de seu pai era ela. Ela que não tinha ido com ele para se certificar de que ele não dormiria ao volante. Ela que não fora a Sacramento e ignorara a ideia de que ele precisava dela. Ela, que sempre tinha a habilidade de machucar as pessoas.

As lágrimas começaram a rolar por todo o seu rosto, e, não conseguindo mais se sustentar, despencou por inteiro no chão, encolhendo-se o máximo que pôde. Os nós dos dedos estavam vermelhos do aperto excessivo na

toalha e sua cabeça contra o chão frio latejava, porém o que mais lhe doía era o coração, que se partia em mil pedaços.

— Por que isso está acontecendo comigo? — Sua voz era como um fio, quase sem vida. — Por que você está fazendo isso? Eu não entendo!

A escritora rastejou até o closet; precisava ir ao hospital, necessitava ver com os próprios olhos para que se tornasse real. Mal chegou à metade de seu destino e o coração lhe apertou mais uma vez. Era muito mais do que dor, era raiva, era pura indignação. Ela merecia todo o mal do mundo, mas o pai?

— Isso não! Meu pai, não! Por favor, por favor! — Levou as mãos à cabeça e fechou os olhos com força. — Por que isso não acaba logo? Não aguento mais!

Os flashes de todas as emoções guardadas em sua mente vieram à tona. Lembrou-se do livro plagiado, da rotina cansativa, da falta de recursos e dos momentos com os quais não pôde estar com o pai. Ultimamente seus dias pareciam um castigo sem fim, todas as circunstâncias a engoliam sem cerimônia.

O choro agora era uma torrente frenética e, à medida que o coração apertava, ela batia os punhos fechados nos braços. A dor que sentia por fora era quase nada perto do que acontecia por dentro. Mais uma vez Deus a mostrara o quão inútil era servi-lo. O pai vivera uma vida entregue ao Senhor e ainda assim morrera daquela forma.

Ela mesma se dedicou a aceitar os propósitos do Senhor para sua vida e mais uma vez, nada! Tudo sempre dava errado. Seu primeiro livro fora plagiado, seu segundo não podia ser publicado por falta de dinheiro; ainda assim, mesmo com os sonhos pisoteados e a rotina pesada demais para que ela pudesse carregar, ela seguia em frente. Contudo, sem o pai, ela duvidava que poderia continuar a viver.

Barhi espalmou as mãos no chão tentando levantar, mas não teve forças, o choro e o aperto no coração lhe sugara tudo. Desistiu e se rendeu ao chão, onde permaneceu por quase quinze minutos no carpete, sem pensar em nada e ao mesmo tempo em tudo. Sua mente reproduzia culpa, morte e a dor que sentia no peito. Quando a mãe adentrou o quarto, uniu-se à garota, abraçando-a.

— Está tudo bem, Barhi. — Jaime abraçou Barhi, contendo o choro.
— Tudo vai ficar bem.

Afagou os cabelos da filha.

A garota encarou a mãe, que esboçava um semblante estranhamente sereno. Jaime controlava as lágrimas, tentando não se abater diante da filha, no entanto, se apenas a encarasse com um pouco de sensibilidade, veria o quanto a mulher se sentia perdida naquele momento, o quanto as lágrimas presas pareciam um vulcão prestes a entrar em erupção.

— A culpa é minha... — Soluçou, ficando sem ar, e a mãe arregalou os olhos.

— A culpa não é sua!

Jaime ergueu o corpo de Barhi, que fez um esforço nítido para erguer a cabeça, pesada e latejante.

— Eu não fui com ele. — Levou as mãos à cabeça, sentindo-a espremer.
— Eu sempre fui com ele! — Soluçou. — Por que não fui com ele...? — A pergunta saiu como um sopro por entre os lábios.

— Está me dizendo que gostaria de estar naquele carro?

As lágrimas de Jaime começaram a rolar sem cerimônia e as mãos da mulher passaram a tremer.

Barhi abraçou os joelhos e colocou a cabeça entre as pernas, suas forças lembravam uma bateria em alerta vermelho. Jaime não conseguia controlar a raiva crescente dentro de si, ela lutava com todas as forças, porém ver sua família desmoronar a fazia desejar nunca ter nascido.

— Nunca mais diga isso! — Jaime abraçou a filha, fechando os olhos com força em uma inútil tentativa de parar de tremer. — Tudo bem chorar agora, filha, mas nós também precisamos ser fortes.

Barhi levantou a cabeça devagar, alheia ao que estava acontecendo ao seu redor. A voz da mãe soava distante e sua visão girava ao passo que todo o corpo parecia adormecer. Na mente, as lembranças com o pai passavam como um filme lento, que perdia a cor a cada mudar de cena.

A culpa era dela, ficou explícito na fala da avó. Se ela estivesse no carro, teria o feito parar antes que dormisse ao volante, antes que o acidente acontecesse, no entanto ela não fora. Em todos aqueles anos, nunca deixara de acompanhar o pai, e na primeira dificuldade de estar com ele, ela cedeu.

— Não aguento mais... — sussurrou, rouca, e o coração de Jaime estilhaçou.

— Filha, está tudo bem! Nós vamos ficar bem! — O choro da mais velha, que parecia cansada demais para tentar fingir, agora era descontrolado à medida que a menina ia perdendo os sentidos.

Um amargo se instaurou na boca da escritora, seus olhos fecharam, e a mãe gritou seu nome em vão. O corpo de Barhi amoleceu nos braços de Jaime, que arregalou os olhos, em choque. A menina em seus braços lembrava alguém sem vida, exceto pelo rosto vermelho de tanto inchaço.

Jaime abraçou a filha, dando leve batidinhas em seu rosto, no entanto ela já não estava mais ali; tamanha torrente de emoções fez seu corpo parar. Barhi se sentia exaurida e uma sensação de vazio que se estenderam aos dias seguintes, até que ela não sentisse nada além da culpa.